

Jodi Ellen Malpas

Revelação

Uma Noite 3

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Para a minha parceira no crime. Há pessoas que fazem parte da nossa vida. Ela fará sempre parte da minha. Katie Fanny Cooke. Obrigada pela tua presença constante. Obrigada por me deixares ser quem sou e me amares por isso. Obrigada por perceberes quando tenho de estar só, e por me ajudares quando compreendes que tenho de deitar tudo cá para fora. Obrigada por leres em mim como num livro aberto. Obrigada por... tudo.

Agradecimentos

Já lá vai algum tempo, transferi a minha alma para o papel para que todos me pudessem ler. O facto de pensar que ninguém viria a ler o meu primeiro romance, *Este Homem*, parece-me agora um tanto idiota. E cá estou, passados dois anos, a trilhar este caminho incrível, preparada para vos ver mergulhar no meu sexto romance. Não duvido dos deuses que comandam o destino. Se o meu destino é arrastar-vos para onde me leva a minha imaginação e ajudar-vos a vivê-la através das palavras, então hei-de cumpri-lo com prazer até ao fim dos meus dias. Para todos os meus dedicados leitores, um grande obrigada por me deixarem agitar as vossas emoções. Como sempre, estou imensamente grata a todas as pessoas que trabalham nos bastidores para que as minhas histórias cheguem até vós, em especial Leah, a minha editora na Grand Central. *Revelação* esgotou-me em termos emocionais, e em todos os momentos ela esteve ao meu lado para me auxiliar na conclusão da história de Livy e Miller.

Agora, é a vossa vez de se deixarem perder de novo no mundo de Miller Hart.

Encontramo-nos do outro lado.

JEM

Prólogo

Há mais de uma hora que William Anderson esperava sentado no seu *Lexus*, à esquina da rua que tão bem conhecia. Uma hora, e ainda não tinha reunido as forças de que precisava para sair do automóvel, o olhar fixo na velha casa geminada de estilo vitoriano. Há mais de vinte anos que não vinha para aquela zona da cidade, com uma única excepção. O dia em que a levava a casa.

Agora, via-se forçado a encarar de frente o passado. Tinha de sair do automóvel. De bater à porta. Mas a ideia aterrorizava-o.

Não tinha alternativa, e não era por falta de dar voltas à cabeça em busca de uma. Nada.

Chegou o momento de pegar o touro pelos cornos, Will, disse para consigo enquanto deslizava para fora do carro. Fechou a porta devagar e dirigiu-se para o prédio, irritado com o tumulto do coração dentro do peito. Batia com tanta força que lhe ressoava nos ouvidos. A cada passo que dava, o rosto dela ia-se tornando mais nítido, até que se viu obrigado a fechar os olhos, atormentado.

– Maldita mulher – murmurou, percorrido por um tremor.

Deu por si defronte da casa mais depressa do que desejava, de olhos fixos na porta. Na sua cabeça agitava-se um turbilhão de recordações penosas, difíceis de suportar. Sentia-se fraco. Uma sensação raramente experimentada por William Anderson, porque se precavia. Depois dela, cuidava de se precaver contra isso.

Lançou a cabeça para trás, fechou os olhos e inspirou num longo hausto, mais prolongado do que nunca. Ergueu a mão trémula e bateu à porta. Sentiu o pulso acelerar ao ouvir passos no interior, e por pouco que não deixou de respirar quando a porta se abriu.

A mulher não tinha mudado quase nada, embora por esta altura devesse andar... por quantos? Uns oitenta? Já se tinha passado assim tanto tempo? Não deu mostra de surpresa, e William perguntou-se se seria bom ou mau sinal. Mais tarde, teria ocasião de pensar nisso. Tinham muito que falar.

As sobranceiras grisalhas da mulher ergueram-se numa interrogação fria, e quando começou a abanar a cabeça, William tentou um sorriso. Nervoso. Aquela mulher sempre o tinha intimidado.

– Ora vejam lá o que me aparece – observou ela, com um suspiro.

Capítulo 1

Tudo isto é perfeito. Mas seria ainda mais perfeito se o meu espírito não estivesse avassalado pela inquietação, pelo medo e pela angústia.

Viro-me de costas sobre a cama enorme e fito as luzes encastradas no tecto em forma de cúpula da suíte do hotel, e as nuvens vaporosas que flutuam no céu azul-claro. Vejo também os arranha-céus que se projectam em direcção ao infinito. Sustenho a respiração e ponho-me à escuta dos ruídos já familiares de uma manhã em Nova Iorque – as buzínadelas, os apitos e o burburinho das ruas são audíveis doze andares acima do solo. Estamos cercados por arranha-céus espelhados, perdidos no emaranhado da selva de betão e vidro. A vista circundante não podia ser mais espectacular, mas não é isso que torna tudo quase perfeito. É o homem estendido a meu lado na imensidão da cama desfeita. Na América, as camas são maiores. Na América tudo parece maior – os edifícios, os automóveis, as personalidades... até o meu amor por Miller Hart.

Já cá estou há duas semanas e sinto terrivelmente a falta da avó, mas falo com ela todos os dias. Deixámos que a cidade nos absorvesse, e nada temos para fazer além de mergulharmos um no outro.

Aqui, o meu imperfeito homem perfeito parece descontraído. Continua com os seus exageros, mas a esses vou-me habituando. Por estranho que pareça, começo a apreciar algumas das suas manias de obsessivo-compulsivo. Agora já o posso dizer. E dizer-lho, ainda que ele opte por continuar a ignorar o facto de que a obsessão impõe múltiplas limitações à sua vida. Incluindo a sua obsessão por mim.

Ao menos, aqui em Nova Iorque não há intrometidos, ninguém que lhe tente roubar o seu bem mais precioso. O seu bem mais precioso sou eu. Um título que me provoca um frémito de excitação. Mas que também é um fardo, que estou disposta a suportar. Sei que o refúgio que aqui criámos é apenas temporário. O mundo tenebroso que temos de confrontar paira no horizonte da nossa existência actual, *quase* perfeita. E odeio-me quando duvido das minhas forças para o enfrentar – as tais forças que Miller confia que não me hão-de faltar.

Um ligeiro movimento a meu lado faz-me regressar à luxuosa suíte a que chamamos a nossa casa desde que chegámos a Nova Iorque, e sorrio ao vê-lo enfiar o nariz na almofada, num murmúrio engraçado. A massa dos cabelos negros ondulados cobre-lhe a cabeça adorável, e tem o queixo escurecido pela barba áspera. Suspira e tacteia, meio adormecido, até a palma da mão me encontrar a cabeça e fechar os dedos nos meus caracóis soltos. O sorriso alastra-me pela face e deixo-me ficar imóvel, os olhos pousados no rosto dele enquanto os seus dedos me acariciam o cabelo até sossegar de novo. Isto tornou-se um novo hábito do meu perfeito cavalheiro em *part-time*. É capaz de brincar com os meus cabelos durante horas, mesmo quando dorme. Já me aconteceu acordar com os cabelos enodados, por vezes com os dedos de Miller ainda enrolados nas minhas madeixas, mas nunca me queixo. Preciso do contacto – qualquer contacto – desde que seja dele.

Fecho lentamente os olhos, confortada pelo toque da sua mão. Mas não tarda que a minha cabeça seja bombardeada por visões desagradáveis – entre elas a imagem alucinante de Gracie Taylor. Abro os olhos de repente e sento-me na cama, mas encolho-me quando me sinto puxada para trás, pelos cabelos.

– Merda! – deixo escapar entredentes, enquanto dou início à tarefa meticulosa de os desenrodilhar dos dedos de Miller.

Resmunga várias vezes, mas não acorda, e pouso a mão dele na almofada antes de me chegar para a borda da cama. Olho por cima do ombro, vejo que Miller está imerso num sono profundo e faço votos para que os seus sonhos sejam serenos. Como os meus não são.

Deixo escorregar os pés para a tapete macia, espreguiço-me e solto um breve suspiro. Fico de pé ao lado da cama, a olhar sem ver pela enorme

janela. Será mesmo possível que tenha visto a minha mãe pela primeira vez em dezoito anos? Ou terá sido uma alucinação provocada pelo *stress*?

– Diz-me lá o que está a inquietar essa linda cabecinha.

A voz arrastada e sonolenta interrompe-me os pensamentos, e volto-me para o ver, deitado de lado, com as mãos abertas debaixo da cara. Esboço um sorriso forçado, que sei que não o vai convencer, e deixo que Miller e a sua perfeição me arranquem ao torvelinho das minhas cogitações.

– Estava a sonhar acordada – respondo, sem dar importância à sua expressão de dúvida.

Desde que entrámos no avião que me tenho vindo a atormentar, a rever uma e outra vez aquele momento, e o meu ar pensativo e silencioso não passou despercebido a Miller. Mas não insistiu comigo e tenho a certeza de que julga que a causa é o problema que nos fez vir para Nova Iorque. Em parte tem razão. Desde que aqui chegámos, têm sido muitos os acontecimentos, as revelações e as visões que me afligem e não me deixam apreciar a adoração que me devota.

– Chega aqui – murmura, imóvel e sem um gesto de encorajamento para além do tom imperioso das palavras.

– Ia fazer café.

Sou parva se julgo que consigo fugir às perguntas e à preocupação dele por muito mais tempo.

– Já pedi uma vez.

Ergue-se sobre o cotovelo e inclina a cabeça para o lado. Os seus lábios estão comprimidos numa linha estreita e os olhos azuis de cristal trespassam-me.

– Não me obrigues a repetir.

Abano a cabeça, suspiro e volto a deslizar para dentro dos lençóis para me aninhar contra o peito dele, que permanece imóvel enquanto espera que encontre o meu lugar. Uma vez instalada, rodeia-me com os braços e enfia o nariz nos meus cabelos.

– Estás melhor?

Aceno com a cabeça contra o peito dele, a olhar com apreço os poderosos peitorais enquanto me percorre o corpo com as mãos, a respirar pesadamente. Sei que está desesperado por me confortar e inculcar confiança.

Mas não consegue. Deixa que eu fique em silêncio e sei que lhe é difícil. Ando a pensar de mais. Tenho consciência disso e Miller também.

Afasta o rosto do calor dos meus cabelos e passa algum tempo a compô-los. Depois, fita-me com os olhos azuis, inquietos.

– Nunca deixes de me amar, Olivia Taylor.

– Nunca – respondo, a recalcar a sensação de culpa. Quero que perceba que o amor que lhe tenho não pode ser motivo para a mais ínfima inquietação. – Não penses demasiado. – Estendo o braço e faço deslizar o polegar pelo lábio inferior cheio, enquanto ele pisca os olhos e me agarra na mão para a segurar contra a boca.

Espalma-a para lhe beijar o centro.

– É uma rua com dois sentidos, miúda linda. Não suporto ver-te triste.

– Tenho-*te*. Não é possível estar triste.

Brinda-me com um sorriso ligeiro e inclina-se para me beijar com ternura a ponta do nariz.

– Peço para discordar.

– Podes pedir o que quiseres, Miller Hart.

Sinto-me agarrada e puxada. Afasta as pernas para que me possa aninhar entre elas. Segura-me o rosto entre as mãos espalmadas e faz avançar os lábios, a deixá-los a milímetros dos meus e a lançar sobre mim o hálito quente. Não consigo controlar a reacção do meu corpo. Nem quero.

– Deixa-me saborear-te – murmura, a olhar-me nos olhos.

Chego-me para a frente, encosto os meus lábios aos dele e arrasto-me sobre o seu corpo até me escarranchar sobre os quadris, a sentir o membro erecto e quente encostado às minhas nádegas. Murmuro com a boca encostada à dele, grata pelas suas tácticas para me arrancar às minhas inquietações.

– Creio que estou viciada em ti – murmuro, a agarrar-lhe a nuca e a puxá-lo impaciente para cima até ele se sentar.

Envolve-lhe a cintura com as pernas e ele agarra-me o traseiro e puxa-me para si, sem nunca interrompermos a dança vagarosa e sensual das nossas línguas.

– É bom.

Interrompe o beijo e empurra-me para trás enquanto estende o braço para a mesa-de-cabeceira, para agarrar um preservativo.

– Deves estar quase a ter o período – comenta, e eu confirmo com um aceno.

Tiro-lhe a embalagem da mão e rasgo-a, tão ansiosa por começar como ele.

– Ainda bem. Depois, podemos dispensar isto.

Aplica o preservativo, levanta-me e fecha os olhos enquanto guia o membro erecto para a minha abertura húmida. Deixo-me escorregar, a enterrá-lo até ao fim.

O meu gemido de satisfação é baixo e entrecortado. A junção dos nossos corpos afugenta todas as minhas preocupações, sem deixar espaço para nada mais do que um prazer sem limites e um amor infinito. Está enterrado bem fundo, quieto. Deixo cair a cabeça para trás e enterro-lhe as unhas nos ombros sólidos para me amparar.

– Mexe-te – imploro, a movimentar-me sobre ele.

A necessidade corta-me a respiração.

Encosta a boca ao meu ombro e morde-me com cuidado, enquanto vai guiando os meus movimentos.

– É bom?

– Melhor do que qualquer coisa que consiga imaginar.

– Concordo. – Ergue os quadris e puxa-me para baixo, a incitar o prazer dos nossos corpos. – Olivia Taylor, sinto-me fascinado por ti, caraças.

O seu ritmo calculado está para além da perfeição, lento, indolente, e a cada rotação chegamos mais perto do clímax. A fricção do baixo-ventre dele contra a ponta do meu clítoris no fim de cada movimento faz-me gemer e arquejar até o meu corpo ser erguido, a interromper o contacto delicioso, para logo voltar a aflorar o pináculo do prazer. O seu olhar entendido trai o prazer que sente, e o pestanejar preguiçoso e os lábios entreabertos ainda mais intensificam o meu desespero.

– Miller – arquejo, a deixar cair o rosto contra o pescoço dele, incapaz de me manter direita a cavalgá-lo.

– Não me prives do teu rosto, Olivia – repreende-me. – Deixa-me ver a tua cara.

Estou ofegante, a morder e a lambe-lhe o pescoço, a sentir a cara arranhada pela barba que desponta.

– Não posso.

A sua perícia a fazer amor deixa-me sempre num farrapo.

– Para mim, podes. Deixa-me ver a tua cara.

A ordem é seca e acompanhada por um movimento brusco dos quadris.

Solto um pequeno grito devido à penetração repentina e levanto-me imediatamente.

– Como? – grito, a um tempo frustrada e deliciada.

Ele mantém-me naquela situação intermédia entre a tortura e um prazer que não é deste mundo.

– Porque eu posso.

Deita-me de costas e volta a penetrar-me com um grito de satisfação. O seu ritmo acelera e a força aumenta. Nestas últimas semanas, a nossa maneira de fazer amor tornou-se mais violenta. Como se uma luz se tivesse acendido e Miller percebesse que possuir-me com um pouco mais de agressividade e força em nada altera a nossa adoração mútua. Continua a fazer amor comigo. Posso tocá-lo e beijá-lo, e ele responde na mesma moeda, em continuadas palavras de amor destinadas a dar-lhe a certeza, bem como a *mim*, de que é ele quem mantém o controlo. Entrego-lhe o meu corpo com a mesma segurança com que agora lhe confio o meu amor.

Prende-me os pulsos acima da cabeça, apoiado nos braços musculosos, a ofuscar-me com a visão do tronco poderoso. Tem os dentes cerrados, mas mesmo assim consigo notar-lhe uma leve expressão de vitória. Sente-se feliz. Deliciado pelo meu evidente desespero por ele. Mas o desespero dele por mim não é menor. Ergo as ancas, ao encontro dos seus movimentos firmes, e os nossos centros de prazer chocam-se quando se retira e me volta a penetrar.

– Estás a apertar-te à minha volta, miúda – exclama, ofegante, com o caracol rebelde a dançar-lhe na testa a cada colisão dos nossos corpos.

Todos os meus nervos estremecem sob o efeito da pressão acumulada no meu ventre. Procuvo desesperadamente contrariá-la, qualquer coisa que me permita prolongar a visão espantosa do corpo dele sobre o meu, coberto de suor e o rosto contorcido num prazer tão intenso que se poderia confundir com sofrimento.

– Miller! – grito, avassalada pelo êxtase a sentir tremores na cabeça, mas sem afastar os olhos dos dele. – Por favor!

– Por favor o quê? Precisas de te vir?

– Sim! – arquejo, para logo sugar o ar, quando ele penetra com força, a empurrar-me na cama. – Não!

Não sei o que quero, preciso de me expandir, mas também de não sair daquele lugar distante onde me abandono.

Miller solta um grunhido, deixa cair o queixo sobre o peito e liberta-me os pulsos, que voam para os seus ombros. Enterro-lhe as unhas curtas. Com força.

– Foda-se! – rugo, a acelerar o ritmo.

Creio que nunca me possuiu com tanta violência, mas o prazer que me alvoroça não permite que me preocupe. Não me está a magoar, e desconfio que sou eu quem o magoa. Doem-me as pontas dos dedos.

Deixo escapar um chorrinho de impropérios enquanto absorvo toda a sua energia, até que ele de súbito pára. Sinto-o inchar dentro de mim. Recua devagar e volta a entrar, suave e lento, acompanhado por um gemido. Ambos somos transportados para um abismo de maravilhosas sensações indescritíveis.

Sinto-me arrastada pela intensidade do clímax, e quando Miller se deixa cair sobre mim sem consideração pelo efeito do seu peso, percebo que sente o mesmo. Estamos ofegantes, os corpos a latejar, esgotados. O nosso amor, poderoso, frenético, transformou-se numa foda desenfreada, e quando sinto as mãos dele a acariciar-me e a boca a percorrer-me a cara em busca dos meus lábios, sei que Miller também se apercebeu disso.

– Diz-me que não te magoei.

Dedica alguns momentos a adorar a minha boca, a morder delicadamente os meus lábios de cada vez que se afasta. As mãos dele estão por toda a parte, a acariciar, a afagar, a descobrir.

Fecho os olhos e deixo escapar um suspiro de satisfação. Concentro-me no carinho que me dispensa, sorrio e reúno o que me resta de forças para o aconchegar contra mim, a incutir-lhe serenidade.

– Não me magoaste.

Sinto-lhe o corpo pesado em cima do meu, mas não tenho vontade de aliviar o peso. Estamos em contacto... total e absoluto.

Inspiro fundo.

– Amo-te, Miller Hart.

Ergue-se devagar até me poder olhar com os olhos cintilantes, a boca sensual encurvada nos cantos.

– Aceito o teu amor.

É em vão que tento semicerrar os olhos num gesto de irritação. Desisto e correspondo à sua expressão jocosa. É impossível não o fazer, quando me oferece um daqueles raros sorrisos, como agora tem acontecido com mais frequência.

– És um gabarola.

– E *tu*, Olivia Taylor, és uma bênção divina.

– Ou um objecto de posse.

– Qualquer coisa assim – sussurra. – Minha, seja lá como for.

Beija-me as pálpebras antes de erguer os quadris para sair de dentro de mim e se acocorar sobre os calcanhares. Um calor de satisfação corre-me pelas veias e uma espiral de paz inunda-me o espírito quando me puxa para o colo e me faz enlaçar-lhe a cintura com as pernas. Os lençóis são uma confusão de tecido à nossa volta, mas não parece incomodado.

– Esta cama está uma barafunda – observo com um sorriso provocador enquanto ele me ajeita os cabelos sobre os ombros e me percorre os braços com as mãos até agarrar as minhas.

– A necessidade compulsiva de te ter comigo na cama sobrepõe-se de longe à de arranjar os lençóis.

O meu sorriso incipiente alastra de orelha a orelha.

– Já percebeu, senhor Hart, que acaba de admitir uma compulsão?

Inclina a cabeça para o lado. Liberto uma das mãos e afago-lhe a cabeça, a libertar-lhe dos cabelos a testa suada.

– Pode ser que tenhas alguma razão – responde, muito sério e sem a mais leve sombra de humor.

Suspendo o movimento de lhe afastar os cabelos e observo-lhe atentamente o rosto, em busca da covinha marota. Não a vejo, e lanço-lhe um olhar interrogativo, a tentar perceber se reconheceu que é um obsessivo-compulsivo.

– Pode ser – repete, de rosto impenetrável.

Inspiro e dou-lhe um soco no ombro, a obrigá-lo a soltar uma gargalhada cristalina. O som e a visão de Miller bem-disposto nunca deixa

de me fascinar. É sem dúvida a mais bela visão que existe no mundo – e não é apenas no *meu* mundo, mas no mundo inteiro. Tem de ser.

– Sinto-me tentada a dizer que sim – atalho, a interromper-lhe a gargalhada.

Abana a cabeça, maravilhado.

– Fazes ideia da dificuldade que tenho em aceitar que estás aqui comigo?

O meu sorriso esmorece, substituído por uma expressão intrigada.

– Em Nova Iorque?!

Teria ido para a Mongólia Exterior, se ele mo tivesse pedido. Para qualquer lugar. Sorri e vira a cara para o lado, o que me leva a pegar-lhe no queixo para lhe ver o rosto perfeito.

– Explica-te.

Ergo as sobrancelhas e comprimo os lábios numa expressão autoritária, mal-grado a vontade que tenho de partilhar a alegria dele.

– Aqui – repete, com um ligeiro encolher dos ombros sólidos. – Comigo.

– Na cama?

– Na minha vida, Olivia. A converteres as minhas sombras numa luz ofuscante. – Aproxima a cara da minha, a aflorar os meus lábios com os seus. – A substituir os meus pesadelos por sonhos deliciosos.

Cala-se, mas não desvia os olhos dos meus, à espera que absorva o significado sincero das suas palavras. Como muito do que agora diz, compreendo-as em absoluto.

– Bastava dizeres que me amas. Chegava.

Comprimo os lábios, numa tentativa para me manter séria. É difícil, no momento em que ele acaba de me fazer saltar o coração com aquela declaração. Apetece-me deitá-lo de costas e mostrar-lhe o que sinto por ele com um beijo, mas uma parte de mim quer vê-lo reconhecer a minha sugestão, aliás bem pouco subtil. Nunca disse uma palavra sobre amor. *Fascínio* é a sua palavra de ordem, e sei o que quer dizer com ela. Mas não posso negar o desejo que sinto de o ouvir proferir aquelas duas simples palavras.

Miller deita-me de costas e cobre-me a cara de beijos, a arranhar-me com a barba.

– Sinto-me profundamente fascinado por ti, Olivia Taylor. – Envolve-me a cara com as mãos. – Nunca conseguirás saber a que ponto.

Rendo-me aos seus modos e deixo-me avassalar por ele.

– Ainda que a minha vontade seja passar o resto do dia dentro destes lençóis com o meu «hábito», a verdade é que temos um encontro.

– Mordisca-me o nariz, sai da cama e põe-me de pé, a remexer-me os cabelos com os dedos. – Vai tomar um duche.

– Com certeza, meu senhor!

Brindo-o com uma saudação militar e finjo que não o vejo revirar os olhos nas órbitas enquanto saltito em direcção ao chuveiro.